

GRANDES CENAS / MONTAGEM

EPISÓDIO 06: ELES NÃO USAM BLACK-TIE

[ABERTURA]

[PRÉ-CENA]

- Olha aqui, eu não sou nenhum filho da mãe, pô. Eu gosto do meu pessoal. Mas eu prefiro ter o desprezo deles a tá me arriscando a ver minha mulher sofrer como, como minha mãe sofre, como todo mundo aqui sofre, porra!

- Olha, rapaz. Nós não temos mais nada a dizer. Essa casa não é tua mais.

MATHEUS

"Eles não usam black-tie" é uma peça de teatro que Guarnieri escreveu em 1955. Pela primeira vez, subia ao palco do teatro brasileiro um drama operário, um drama de quem vivia na periferia empobrecida das grandes cidades. Em 81, Leon Hirszman adapta "Black-tie" para o cinema; trazendo como pano de fundo as greves do ABC que eclodiram no final dos anos setenta.

SCOREL

Black Tie é um filme que é, digamos, fruto da anistia, né, quer dizer... É uma peça, (/) que o Leon já tinha pensado, eu acho que no início da carreira dele possivelmente filmar, mas que a partir de 64 a própria peça no teatro eu acho que ficou proibida. E depois de 79, quando foi promulgada a lei de Anistia, é que surgiu, surgiram as condições e a possibilidade de fazer um projeto como o Black Tie.

- Oi, companheiros. A greve é a nossa arma de luta. E de nossas mãos que sai a riqueza desses poucos que tão aí. E nós, que produzimos essa riqueza, nós vivemos na miséria, porra!

FERNANDA

E o meu querido Leon Hirszman (/) me procurou e disse: "Olha Fernanda, eu vou fazer o 'Black-tie', e é impossível fazer esse filme, na minha concepção", ele disse, "sem você e o Guarnieri".

[TRECHO DE "ABC DA GREVE"]

FERNANDA

Então (/) fizemos o filme num período extremamente radicalizado. (/) Porque (/) foi na época também da... (/) daquele movimento todo do ABC, (/) então tinha... tinha algo acontecendo (/) no país (/) muito mais desesperado (/) do que o filme que a gente tava fazendo, compreende? (/) Eram os helicópteros, eram os cães, eram os generais, eram os deputados, eram... a, os, os sindicatos todos, o Lula vindo como um líder assim, carismático, né?

- Pensaram que iam acabar com o movimento do ABC intervindo nos sindicatos. E se esqueceram de que sindicato não é o prédio, mas sindicato é o trabalhador dentro da fábrica, é o trabalhador na praça.

FERNANDA

Então foi, foi uma filmagem muito assustada, Entende? O que iria acontecer no ABC? O que iria acontecer com essa esquerda que tava toda envolvida lá?

MATHEUS

Mas Leon não está apenas preocupado em fazer um retrato das greves. Ele quer que o público viva a greve junto com seus personagens. O que importa aqui, não é exibir o operário como um agente da história. O que importa é o drama pessoal e íntimo de Otávio, Romana, Tião, Bráulio, Maria...

FERNANDA

É interessante porque, (/) tendo a história dessas duas criaturas, ele, principalmente, ligado ao partido, nunca teve nada em troca, só teve pauleira, perseguição da polícia, só teve prisão, (/) nunca saiu daquela vida ínfima, (/) economicamente falando. Então é um cara aparentemente derrotado, né? E ela é a companheira. O filho não quis, o filho se afastou politicamente do pai, foi viver a vida. Segundo ele, o pai nunca lhe tinha dado nada com a, com a crença política dele. Pelo contrário, só pauleira.

- Vê se fala com o teu pai. Você ofendeu muito ele ontem.

- Ahn... O pai também irrita, né, mãe? Vê tudo bonito. Se não se cuida, vai entrar pelo maior cano. E nós junto.

FERNANDA

Eu sou de uma origem de imigrantes, italianos e portugueses. (/) Meu pai era um modelador mecânico mas era um operário, pré-leis de Getúlio Vargas. Então... (/) Eu trouxe pra Romana

uma, uma vivência bem sólida... daquele, daquela, daquela temática. A Romana não é uma mulher engajada politicamente, (/) ela quer apenas... coordenar a casa, compreende? Ela entende o marido e também entende o filho. Né? O filho quer ir viver a vida dele. Imagina que... o Guarnieri escreveu isso com vinte e poucos anos, gente. É uma visão romântica? Ah, que seja...

ESCOREL

A qualidade do texto do Guarnieri tá, tá muito nisso, né, quer dizer... Não, não são propriamente, ahn, tipos. São realmente personagens, né? Eu acho que o texto, a peça do Guarnieri tem muito essa virtude, né? E que de certa ma, maneira eu acho que, eu acho que o filme consegue preservar.

MATHEUS

No clímax do filme, a greve acirra o conflito entre os personagens: o filho Tião fura a greve e Otávio o coloca para fora de casa. Bráulio, o melhor amigo de Otávio, morre no confronto com a polícia. Numa cena composta apenas com pequenos gestos, olhares e sons do feijão caindo numa bacia, Romana e Otávio digerem estas duas perdas.

ESCOREL

Há ali uma ebulição naquela família, a família meio que se desestrutura em torno da questão política da greve, da participação da greve, da resistência à greve... E o casal acaba na mesa da cozinha de casa, um diante do outro e a vida segue. E a vida segue retomando a coisa mais corriqueira e no fundo simples possível que é catar o feijão.

FERNANDA

Aí veio o último dia de filmagem, que é essa cena do "cata feijão". (/) O Leon quis filmar logo nas primeiras luzes da manhã e... só nós, o Escorel, o iluminador, Leon. (/) E ele disse: "Vão no tempo de vocês". Ficou sentado... E mui, ele, ele dirigia sempre com os olhos cheios d'água. E aí fizemos a cena.

FERNANDA

São dois derrotados, sozinhos, abandonados. E tem esse feijão, (/) que é a comida emblemática do, do pobre brasileiro, né?

ESCOREL

O Black Tie é um filme que foi todo desenhado antes. Foi feito um storyboard completo do filme, cena por cena, plano por plano. (/) Meticulosamente planejados, porque era a maneira

do Leon filmar, entendeu? (/) O resultado da cena (/) começa a ser alcançado quando a cena é planejada dessa forma.

FERNANDA

A lente vai (/) próxima de uma mão, começa da mão né, do olho do Guarnieri. Do, do, do feijãozinho caindo, tirando o feijãozinho podre, botando só o feijãozinho que é possível se comer, vamos jogar fora o que não presta, vamos jogar fora o que não presta. Depois você pode elaborar a viagem racional que você quiser sobre o trabalho, ou sobre a cena, especificamente, mas na hora do fazer, isso vem por caminhos insuspeitados. (/) Hoje eu achei a explicação pra esse feijão, mas na hora foi só feito, foi só realizado num instinto, como geralmente as coisas acontecem... comigo.

SCOREL

Soma-se a isso os dois atores que estão em cena, né? Quer dizer, há ali, evidentemente, entre a Fernanda e o Guarnieri uma intensidade de conexão (/) que transparece na cena, quer dizer... Eles estão interpretando (/) tudo que foi visto no filme, estão expressando a relação que eles têm entre eles, que os dois personagens têm entre si no filme. (/) E sem, sem dizer nada, né? Sem dizer uma palavra.

FERNANDA

O Guarnieri tava ali olhando, com o jeito dele tão, é um ator tão na alma do espectador, o Guarnieri. (/) E é um menino, ali, quase, um menino, né, o Guarnieri tem um, tem um olhar de... (/) de criança. (/) Ela é mais mãe dele que mulher dele. (/) E tá sozinho, o outro grande amigo dele foi morto, né, a greve falhou.

FERNANDA

E, pra surpresa, enquanto eu tava fazendo, eu vi que ele também puxou o feijão, não é? Catou lá, o que ele catou ele juntou com... Isso não foi nada ensaiado, isso não foi nada pedido.

SCOREL

Ao longo do filme, (/) o espectador (/) tá absorvendo coisas que são ditas. De repente o filme para e ao meu ver obriga o espectador a pensar sobre o que ele está vendo. Não há como não pensar, pela duração dos planos, pela duração da sequencia e pelo silêncio, quer dizer, pela ausência de diálogos, não há como o espectador não ser levado a refletir sobre o que ele está vendo e sobre o que está acontecendo ali. Eu acho que é, assim, um momento realmente crucial do filme (/) para uma espécie assim de (/) reflexão sobre o que foi visto ali, o que aconteceu, o que tá acontecendo, quem são aquelas pessoas, qual é a relação que uma tem com a outra... Eu acho que todos esses elementos estão claramente expressos ali, dentro, no fundo, de uma simplicidade muito grande, né, que é um pouco, eu acho que a beleza da cena.

FERNANDA

E eu digo: "Meu Deus do céu!" Um dia, no Brasil, no amanhã... É duro, é difícil, uma crise política tão dolorosa, um cineminha pobre de dinheiro, (/) no maior estado do país, não é isso? Na maior cidade do, da América do Sul, aquelas coisas todas... E aí vem um danandinho dum criador, sofrido, brasileiro, e dá esse toque mínimo pra esses dois atores, não é? Então são momentos na vida da gente, assim, que vale uma vida. Entendeu?

[CENA]